

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

Comemora o «Novo Fangueiro» no dia de hoje o seu terceiro aniversário. É evidente que nos sentimos satisfeitos e orgulhosos com a efeméride, tanto mais que em tempo corrido é ele o jornal de mais longa duração que já se publicou na terra fangueira.

E como é difícil fazer um jornal em terra pequena!... Em geral essa pequenez inculca certa debilidade cívica em alguns dos seus habitantes que não entendem um jornal como uma instituição da terra

No 3.º Aniversário

de se deve defender e prestigiar. É verdade que o objectivo de um jornal de província é exactamente defender e prestigiar a terra que representa, mas o inverso também é inelutavelmente verdadeiro.

No entanto, ainda uma vez ou outra temos um jornal devolvido como aconteceu no penúltimo número. Demos mil voltas ao miolo a querer saber o porquê da devolução. Finalmente alguém nos sussurrou do lado: «O filho partiu uma perna». «O Novo Fangueiro» não deu a notícia». Ah!, mas então foi por isso que devolviam um jornal que tantas horas nos tira e tanto desgaste nos causa? Pobre terra tão pequena que faz pequena alguma da sua gente!

Mas «O Novo Fangueiro» tem fervorosos adeptos. O número de assinantes já duplicou. Possui uma rede de dedicados colaboradores. Mantém um número fixe de anunciantes. É esperado ansiosamente por tantos conterrâneos que em terras de França, do Brasil, da América e até da Austrália trabalham. «O Novo Fangueiro» é a esperança, traz a mensagem, o abraço da terra-mãe.

«O Novo Fangueiro» é também um alerta, uma sentinela vigilante que denuncia, que protesta contra o que de mal feito se possa cometer neste burgo fangueiro. É ainda o receptáculo de lamentações de tantos que à míngua de não terem quem os atenda vem junto de «O Novo Fangueiro» protestar contra situações que consideram injustas ou alarmantes.

Por tais objectivos continuaremos a lutar e que a saúde seja uma companheira permanente.

Aos nossos leitores, anunciantes e colaboradores um obrigado sincero pela ajuda prestada.

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

DR. AUGUSTO MOREIRA PINTO

Nas deambulações que temos feito pelos jornais da terra, Esposende incluído, avulta uma personagem que nós pensamos ter sido a pessoa que no seu tempo mais trabalhou por Fão. Referimo-nos ao dr. Augusto Moreira Pinto cujos dados sócio-biográficos se baseiam apenas nos relatos dos jornais da época.

O dr. Moreira Pinto nasceu em 1848. Desconhecemos a terra da sua naturalidade mas sabemos que logo após a sua formatura veio para Fão onde se manteve como médico durante «trinta e tantos anos». (1) Em 28 de Outubro de 1908 o Esposendense dá a notícia, sem saber o motivo, que o dr. Moreira Pinto ia pedir a sua aposentação extraordinária de médico municipal e consequentemente ia abandonar a freguesia de Fão, retirando-se para Coimbra ou Lisboa. Em 1911 sabemos que morava no Porto, terra onde veio a falecer em Setembro de 1912.

Fica assim esclarecido que os alunos da escola Scundária de Esposende que em Julho de 1986 escreveram um artigo sobre «Pestes em Fão», noticiando que o dr. Moreira Pinto fugiu para o Porto com medo à Pneumónica que se abateu sobre o concelho em 1917/18, foram mal informados, pois este clínico já havia falecido há um bom par de anos.

Aliás custava-nos a aceitar que um médico de alta estirpe moral abandonasse os seus doentes em época de epidemia. Era de facto um João de Semana dedicado que de dia ou de noite acorria aos seus doentes levando muitas vezes consigo o sustento para a respectiva família. Considerado o «Pai dos pobres», não foi por acaso que no dia do seu enterro ocorrido na cidade do Porto, o comércio fangueiro tivesse fechado as portas. Tinha razão para o fazer pois o dr. Moreira Pinto, não sendo um fangueiro nato foi, o homem que ao longo de 40 anos mais trabalhou pela terra de Fão.

Sozinho, comissionado com outros ou movendo as suas influências, realizou obras de vulto em Fão. Foi devido à sua iniciativa e acção que se ergueu a actual sede do Clube Fãozense. Incorporou o grupo de indivíduos que desenhou a Alameda do Jesus de cuja comissão era à hora da sua morte o único sobrevivente. Foi aos seus porfiados rogos e boas relações que António Veiga enviou a

verba necessária para a construção da estrada do mar e canalização de água potável. A seu pedido Amorim Campos levantou o edifício das escolas. Diligências suas conseguiram a verba necessária para a abertura da Av. Dr. Manuel Pais e Cortinhial. A criação de uma estação telégrafo-postal e o estabelecimento do carro do carro do correio até Fão foram obra sua.

Onde o seu nome verdadeiramente se agiganta é na construção metálica da ponte de Fão, que sendo resultado de esforços de muitos a ele se deve um quinhão muito relevante, e o levantamento do actual edifício do Hospital-Azilo inaugurado em 1908, a cuja comissão de obras presidiu.

Podemos até apresentar a lista dos principais contribuintes para a sua construção o que nos permitirá indiciar uma correlação de forças capitalistas das principais famílias que estavam relacionadas com Fão:

Comendador António da Costa Correia Leite, 6.000\$; Francisco Campos Morais, 2.000\$; Prior Gonçalo Lourenço Viana, 200\$ + 200\$; D. Amélia Pereira Correia

(Continua na página 2)

O tempo passa... mas «O Novo Fangueiro» fica...

O nosso querido «Novo Fangueiro» Completa o seu terceiro aniversário! É por nós estimado este mensário... De todos um amigo verdadeiro.

Sempre aguardado com muita ansiedade, Já que todos os meses, quando o lemos, Com ele muitas coisas aprendemos, Numa vivência de óptima amizade.

São as memórias do Fão de antigamente, Em contraste com tudo o que é actual, Que o tornam de todos bem diferente.

É toda uma leitura sem igual, Dinâmica, bem viva, combatente, Que nos faz preferir este jornal.

AREIA DO CÁVADO

Alguns conterrâneos têm-se mostrado sensíveis ao retorno do antigo areeiro que em tempos recentes se propunha abrir o tal canal em direcção ao mar.

Pensamos que a Direcção Geral de Portos não pode autorizar trabalhos de extracção em áreas que circunscrevem monumentos nacionais como é a ponte metálica de Fão. Por sua vez a Câmara para ser coerente consigo própria não pode dar parecer positivo. E os fangueiros não se devem deixar comprar.

SIMPÓSIO 1987 DE HOTELEIROS

A Associação de Antigos Alunos da escola de Hotelaria da La SSH Lausanne (Suíça) realizaram entre 4 e 9 de Maio um simpósio que teve a participação de cerca de 300 antigos alunos.

Do programa constou na terça-feira, dia 5, uma prova de vinhos verdes na Quinta de S. Cándido em Curvos e de seguida um almoço anfitrião pelo antigo aluno daquela Escola, Anibal Soares que foi o Presidente do Simpósio.

O repasto correu com muita animação. Como o sol estava esplendoroso e nem uma agulha bolia, os visitantes, com grande predomínio de estrangeiros, levaram desta zona as melhores recordações.

DR. AUGUSTO

(Continuado da página 1)

Leite, 550\$; Dr. Augusto Moreira Pinto, 100\$; D. Amélia Gouveia Correia Leite, 100\$; José Portugal Maneca.

Recordamos que nos situamos em 1908 e que os escudos correspondiam aos «mil reis» daquela época.

Concordamos inteiramente com José da Silva Vieira quando em 1908 anuncia o seu possível afastamento de Fão: «Se alguns melhoramentos tem aquela importante freguesia (Fão) e bastantes têm, a ele ou à sua iniciativa se devem».

Em boa verdade, nem antes nem depois, conhecemos alguém que se lhe tenha avantajado.

(1) *Esposendense de 8.2.1912.*

O CLUBE ROTÁRIO DE ESPOSENDE NA LUTA CONTRA OS INCÊNDIOS

No passado dia 10 de Abril o Rotary de Esposende levou a cabo uma acção que teve por tema «Como evitar incêndios nas fábricas e florestas». O local das palestras foi o salão Nobre dos Voluntários de Esposende e estiveram presentes os bombeiros das duas corporações concelhias com os respectivos Comandantes.

Foram palestrantes pela Portucel, os Eng.ºs Gonçalves Oliveira, Nelson Castro e Fernando Basto, pela Petrogal, os Eng.ºs José David e Faria Ferreira.

Os técnicos da Portucel referiram essencialmente os cuidados que se devem ter com as florestas para que os fogos não se propaguem tão rapidamente. Os especialistas de Petrogal preferenciaram os fogos industriais adiantando no final que o parque daquela empresa ficava à inteira disposição dos Voluntários das corporações de Fão e Esposende para treinos e preparação.

Mais uma vez o Presidente Manuel Silva optimizou o ideal de servir a comunidade que é o lema-base dos rotários de todo o mundo.

NÉ PEQUENO

Regressou há dias do Brasil onde esteve cerca de um mês o nosso prezado assinante Manuel Gomes da Costa que se fez acompanhar de sua Esposa, Maria Eugénia.

Pois logo que chegou este simpático casal teve a amabilidade de nos procurar para nos trazer um grande abraço do Amândio Caramalho. O Né vem cheio de recados dos nossos conterrâneos brasileiros e por isso no próximo número prometemos fazer uma notícia mais alargada.

PAGARAM ASSINATURAS:

José Palha, Gandarela, 500\$00; Francisco Vilar Soares, Porto, 1000\$00; António Rodrigues, 500\$00; Amândio da Costa Caramalho, Brasil, 1000\$00; Manuel Costa, Porto, 500\$00; Com.te José Augusto O. Pinto Queiroz, Lisboa, 1000\$00; Umberto Didier, Porto, 500\$00; Manuel Fernando Alves Pereira, Barcelos, 500\$00; Ernestino M. do Vale, Fão, 500\$00; António Carreira, Fão, 500\$00; António Gomes de Azevedo, Brasil, 1000\$00; José de Sá Pereira, Fão, 500\$00; Dr. Norberto M. P. S. Mota, Fão, 500\$00; Carlos Barra Reis, Fão, 500\$00; Com.te Eurico Moura Sampaio e Castro, Fão, 500\$00; D. M.ª Judite F. R. Mota Pais, Fão, 500\$00.

CURSO DE MONITORES DE ACTIVIDADES DE FÉRIAS

A Associação Portuguesa de Pousadas de Juventude (APPJ) vai proporcionar a jovens, de idade compreendida entre os 18 e os 23 anos, e com o décimo ano de escolaridade, a hipótese de frequentarem um curso de monitores de actividades de férias, informou a Secretaria de Estado da Juventude.

Trata-se de uma iniciativa que visa dinamizar o turismo juvenil através de um curso teórico-prático que se irá debruçar sobre três áreas: uma ligada à psicologia, sociologia e dinâmica de grupos e relações humanas, outra que versa a exploração do meio físico, social e cultural, onde as actividades vão ser realizadas, bem como o aproveitamento turístico dos aspectos culturais, sociais e naturais, e, por fim, uma outra mais ligada ao planeamento, organização e gestão das actividades de férias.

Assim, mediante uma inscrição de 5000 escudos, os jovens frequentarão em Maio e Junho, três dias por semana, no horário das 18 às 21 horas de formação teórica, enquanto os fins de semana serão passados, no terreno, em formação prática.

Aos jovens monitores de actividades de férias será atribuído, no final do curso, um diploma de aproveitamento.

As inscrições estão abertas, até 8 de Maio, na APPJ — Rua Andrade Corvo, 46/1000 Lisboa, telefone: 5-9054 — onde serão prestadas todas as informações complementares.

Longa Vida

o que é bom da natureza

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

ARMAÇÕES
OCÚLOS SOL

création
CAZAL

RESCALDO DAS FESTAS

Decorreu com algum brilho as festas do Senhor de Fão de 1987. A briosa Comissão debateu-se quase até ao fim com algumas dificuldades financeiras mas no final abriram-se algumas portas que se deixaram franquear com certa magnanimidade e de tal modo que no domingo foi possível dar entrada a duas bandas de música, S. Paio e Belinho, que se iniciaram, como nos bons

pais, entusiasmados, se preparavam para comprar «fardas» próprias, foram afastados do grupo com a alegação que eram estrangeiros. Tal atitude que tem tanto de ridícula como de miserável, para mais numa rua que bem sabe receber fez com que metade dos moços e moças desistisse em sinal de protesto, pelo que houve necessidade de recorrer a jovens de Gandra e Fonteboa. Uma nódoa



velhos tempos, pelas Pedreiras e por Fão.

Já os tamborileiros fizeram a sua entrada apenas no sábado e dantes havia dois grupos que se estreavam à quinta. De qualquer modo estes tamborileiros, reforçados com gaitas de foles, deram concerto.

Na sexta, dia 24 de Abril, houve as Marchas e quando há marchas na rua todo o mundo aparece. Ah! Esqueçiamo-nos de dizer que o S. Pedro foi particularmente amigo: tempo qruante, sem chuvas nem vento. Resultado: umas festas em cheio. Mas nós vamos falar das marchas. Apareceram quatro grupos: Infantil ensaiado pelo major; Pedreiras com o Barbosa; Ramalhão com o Armando Solinho e Areosa com o Moisés. Qualquer destes agrupamentos vestiu trajes a condizer: o Infantil, 30 rapazes e 30 raparigas apresentaram-se de camisa branca e saia vermelha ou calças pretas; as Pedreiras com uma tradição agrícola apresentaram-se à lavrador; o naipe do Ramalhão preferenciou as lides marítimas e os da de Areosa vestiram-se à cidade, os rapazes com um palhinhas. Todos os grupos deram umas voltas pelas ruas da vila e depois exibiram-se, um de cada vez, na Av. Manuel Pais.

Qual foi o melhor? Dentro das suas características próprias todos foram bons. Aliás em marchas não há ninguém que nos bata. Houve entusiasmo, rivalidade e dedicação dos paisinhos. O que se poderia fazer com esta gente...

Uma nota triste: no rancho das Pedreiras inscreveram-se três irmãos os Cosgroves, filhos de um simpático casal escocês que escolheu aquela rua para morar. Pois quando os

negra que veio manchar a boa reputação da gente das Pedreiras.

A Comissão de Cultura e de ocupações dos tempos livres, sediada nos Bombeiros, realizou duas exposições: uma de colchas que outrora eram confeccionadas em Fão, no Grupo de Amigos; outra de pintura e outros trabalhos da autoria de Manuel Carvalho (de Apúlia). Surpreenderam-nos os trabalhos deste amador que exerce a profissão de alfaiate. É uma alma de artista, um artista nato que se desenvolveu por si, sem a correcção de uma escola que concerteza o afoitaria para mais altos voos. De qualquer modo pareceu-nos feliz na policromia, bem conseguido em alguns pormenores de profundidade, agarra bem o substractum das fisionomias e revela-se liberto e criador nos crucifixos. Tal como o Mestre Medina lhe vem dizendo, também nós daqui o incitamos: «Continue. Continue!».

No domingo exibiu-se mais uma vez o coro da Matrix no templo do Bom Jesus, sob a regência do Maestro Faria Borda. O afinamento parece-nos perfeito e deste coro já se pode dizer que muitas pessoas já vão à missa só para o ouvir. No domingo, dia 3, fez uma nova exibição para a Rádio Renascença.

Os irmãos Matias vieram mais uma vez de Lisboa fazer o tradicional jardim que se tornou num verdadeiro ex-libris das festas. E por falarmos em jardins e flores, queremos salienta de novo o tapete da gente das Pedreiras a quando da procissão aos enfermos na manhã de segunda. Sempre belo, sempre admirado, as pessoas até têm pena de o calçar.

A Comissão de Cultura levou ainda a cabo um Rally Paper que teve a seguinte classificação:

1.º Eng. Igreja; 2.º Prof. Eugénio Barreiro; 3.º João Luís Barreiro.

Os nossos parabéns à briosa Comissão de Festas.

POEMA DO POEMA

Uma caneta, um papel
Uma vontade, competência
Uma música a trombeta e bisel
Uma sinceridade, uma inteligência
Não fazem um poema

Uma encomenda, um dinheiro
Uma prenda, cheiro
Um sabor
Um amor
Não fazem um poema

Fazer um poema
Não é ir às gramáticas
Recolher estilos e palavras
Palavras antipáticas
Cheias de esplendor
Que no poema ruminam como cabras
À espera de um pastor

Fazer um poema
É fazer liberdade
Escrever livremente
Sem pensar na gente que o vai ler
Nem na lógica ou realidade
fazer um poema
É esquecer a saudade

JOSÉ NEVES
(aluno do 8.º G da Escola Secundária)

PUBLICIDADE

E se queres ter na vida inteira
O meu amor e carinhos
Traz-me da RITA FANGUEIRA
Morgados e Folhadinhos

Telef. 961442

FANGUEIROS EM FRANÇA

O C. F. de Fão no Tornei International de Football

Foi uma jornada maravilhosa aquela que um grupo de 50 fangueiros realizou a Pontoise-Cergi, em França entre os dias 15 e 22 de Abril. Houve um torneio de futebol, é certo, mas houve sobretudo esplêndida confraternização entre portugueses, uns que lá se encontravam e outros que daqui partiram; e houve sobretudo uma formidável lição de bem receber que nos foi proporcionada pelos portugueses de Pontoise, maximé, dos Directores da U.S.P.C., que se houveram como uns anfitriões no melhor sentido da palavra.

A partida no dia 15 não teve história. Abalámos às 7,30 horas de quinta-feira e no dia seguinte, pelas 14 horas, estávamos na sede da associação depois de a camionete andar mais de uma hora à procura da R. Ampère. Colhemos os Directores um tanto de surpresa, pois contavam connosco por volta das 4 da tarde e nós aparecemos antes da duas. De qualquer modo foi improvisado um almoço e o velho amigo — bacalhau frito — veio dar-nos as boas vindas.

Seguiu-se a distribuição dos quartos cedidos pelos Directores nas suas próprias ca-

Dispõe de uma secção de futebol, de uma outra de pingue-pongue e ainda de uma terceira, cultural e social, que mantém um grupo folclórico, um serviço de traduções, promove teatro de peças portuguesas, administra um Curso de Português e dispõe ainda de um emissor de rádio em português que vai para os ares às quartas e sextas-feiras. Escusado será dizer que todos os seccionistas e directores trabalham de borla e suas esposas confeccionam as refeições, tudo por amor a Portugal e aos portugueses. Importa referir como mais importante que o U. S. de Pontoise-Cergi mantém a expensas suas uma esola que ministra disciplinas até ao 11.º ano, uma vez que o Governo de França só subsidia professores para o currículo português quando as escolas possuem um mínimo de 12 alunos de origem lusitana. Em resumo: naquele reduto da Somag os portugueses sentem-se em sua casa, isto é, em Portugal. O Governo do nosso país deveria dar maior atenção, prestar uma melhor assistência a estes centros pois eles são o melhor elo de ligação dos portugueses às suas próprias raízes.

Maire de Fão, ou antes, o Presidente da Junta de Fão - Luís Viana.

Todos fomos entrevistados e todos sabíamos que estávamos a ser ouvidos por portugueses e fangueiros numa área de 10 quilómetros. Tanto assim foi que logo o telefone começou a tocar — chamadas de compatrio-



Alunos nos cursos dos Anos 10.º e 11.º

sas, enquanto os jogadores e treinador ficavam no centro de estágio St. Owen de l'Aumône. À noite e nos dias seguintes tínhamos saborosa comida portuguesa confeccionada pelas esposas dos elementos directivos. No primeiro jantar Luís Viana, Presidente da Junta de Fão, aproveitou a ocasião para agradecer o maravilhoso acolhimento que nos estava a ser prestado.

UNION SPORTIVE

Umhas breves palavras sobre a Union Sportive et Culturelle Portugaise de Pontoise-Cergi: Trata-se de uma agremiação composta por portugueses (cerca de 600).

A ENTREVISTA

Para nós o momento mais emocionante da nossa estada em França foi porventura a entrevista na estação de rádio em língua portuguesa. Encontravam-se presentes o Dr. Armando Saraiva - Presidente do jornal «O Novo Fangueiro» e Presidente da Assembleia geral do C. F. de Fão; Bernardino Vale - Presidente do C. F. de Fão; João Pedras - Vice-Presidente do Fão e chefe do Departamento de Futebol; António Pedras - Vogal; Dias Costa, conhecido locutor da Radiotelevisão Portuguesa que ali se acompanhava na qualidade de acompanhante da equipa; José Manuel Carneiro - treinador e ainda o



Orlando Oliveira

Na equipa de Paris um dirigente fora de série

Dizemos noutra local que a U. S. de Pontoise possuía um núcleo de dirigentes fora de série. Todos sem excepção. No entanto é forçoso que refiramos aqui a acção do seu Presidente, Orlando Oliveira que os seus próprios colegas apontam como a alma da colectividade. É o gerente da agência da União de Bancos em Pontoise-Cergi. Foi um homem que se desdobrou em mil funções. Orador fluente, conversador brilhante, revelava-se mais tarde um *speaker* experiente na entrevista concedida aos Directores de Fão. Mas não param aí as suas qualidades. No dia do primeiro jogo faltou por qualquer imprevisto um *linner* mas o dirigente de Pontoise não se perterbou: ele próprio foi substituir o bandeirinha faltoso: «Eu já fui árbitro», esclarecer-nos-la mais tarde. Mas há mais: quando dois jogadores do Fão se magoaram, foi Orlando Oliveira quem os tratou, pois possui um curso de massagens e fisioterapia. Antigo jogador em Portugal e mais tarde em França onde foi também treinador, revelar-se-ia ao longo da semana que estivemos em França, um anfitrião atento, solícito, cuidadoso e sempre disponível. É dos tais homens que fazendo tudo pois dispõem sempre de tempo para tudo.

Aqui o esperamos para nos «vingar-mos», caro Orlando Oliveira.



A equipa do C. F. de Fão com o treinador, integrada ainda com as presenças de António Soares e do Presidente da Assembleia Geral

tas nossos — e logo se fizeram ouvir as vozes de duas conterrâneas, Cândida Campos Cardoso (uma filha do Arlindo) e Raimunda da Venda Gaifém (uma filha da Tila Serguilha). Foi consolador e emocionante ouvir ali em França duas pessoas de Fão e não menos emocionante para essas mesmas pessoas ouvir a voz de conterrâneos seus. A entrevista conduzida por esse fantástico Orlando Oliveira (cujo perfil traçamos em caixa) teve outro mérito: Bernardino e seus muchachos ali presentes quase se comprometeram a evitar que nas próximas eleições não sejam mais precisas seis assembleias para encontrar dirigentes para o C. F. de Fão. Na mesma entrevista Horácio Matos, dono da Promogal, uma empresa que pretende investir em imobiliário em Portugal com capitais de emigrantes, revelou que não tem sentido das autoridades portuguesas uma ausência de burocracia o que de certo modo lhe tolhe os movimentos em Portugal. João Pedras afirmou que Fão era a terra mais linda de Portugal.

FANGUEIROS NO JOGO

Os encontros de futebol, relatados também em caixa à parte, realizaram-se, o primeiro no sábado e o segundo no domingo. Foi também consolador para nós encontrarmos à porta do estádio Marados esse louco por Fão que se chama António Torres. Tinha feito 400 quilómetros para vir confraternizar com a turma da sua terra. Os dirigentes de Pontoise, conhecedores da sua presença e da sua acção como fundador do C. F. de Fão, tiveram a gentileza, na altura da distribuição de prémios, de o distinguir com uma lembrança. Sempre atentos estes inolvidáveis directores.

Vimos ainda o Manuel Arantes, irmão do dono do Café do Caldeirão com seu filho; o Domingos Sacristão, o famoso Eusébio de quem já se falava na camionete, com esposa e filhos; o filho da Maria Cangosta e sua Esposa; a Esposa do Reinor (não é que este gajo preferiu ficar a fazer a sorna!...); as duas filhas do Arlindo (Cândida e Arrelinda) com maridos e filhos; as filhas da Tila

com maridos e filhos; o Rui, filho do Amândio Padeiro com Esposa e filhos; Luíza Sineira com marido e filhos; a irmã do Casimiro com o marido; Manuel Santos do Vale, filho de Maria Carolina, com Esposa e filhos. Outros vimos ainda mas a nossa memória começa a acusar muitos furos.

No domingo à noite procedeu-se à distribuição das taças, sendo Fão contemplado com a taça equivalente ao 3.º lugar e ainda outra atribuída à equipa melhor *fair play* re-



Na bancada fangueiros de Pontoise e arredores com fangueiros até de baixos

velou. Os fangueiros Joaquim Ferreira e António Torres também ofereceu dois valiosos troféus à equipa da sua terra, registando-se a mesma atitude da parte dos Directores de Pontoise (eram só mimos) bem como da Promogal. O sempre dinâmico Orlando Oliveira agradeceu mais uma vez o esforço e a presença da caravana fangueira e um Director da união de Bancos fez uma saudação a todos os presentes. O Presidente da Assembleia do C. F. de Fão agradeceu igualmente as atenções recebidas. O resto da noite foi ocupada com bailação que durou até às tantas.

Na segunda-feira esteve para ser a abalada o que só aconteceu na manhã (oito horas) de terça-feira. Na véspera houvera um con-

vívio de despedida onde se destacaram os discursos do Maire de Fão (este cara só chegou ao estádio a meio do desafio (porquê?) e de novo o sempre atento Presidente da Associação Desportiva que recomendou ao Fão um alto sentido de responsabilidades nestas deslocações. Seguiu-se mais uma noite de fados com uma desgarrada monumental em que se distinguiu o antigo jogador António Maria que chegou para tudo e todos. Foi só até às quatro. As oito horas abalámos finalmente e na quinta chegámos a Fão muito a tempo de vermos o Porto derrotar a Dínamo de Kiev.

ACULTURAÇÃO

Como no início referimos, nós fomos a Paris receber da parte dos nossos compatriotas uma lição de arte de bem receber e verificar a grande evolução sócio-cultural sofrida pela colónia portuguesa. Os tempos dos bidons-villes já lá vão e hoje os nossos compatriotas dispõem de casas confortáveis e ao mesmo tempo de uma consciência cívica muito elevada. Deu-se finalmente com eles o fenómeno de aculturação onde se verifica como um povo de condição inferior acaba por ser afectado pela cultura que lhe está mais acima, cabendo nessa aculturação a influência decisiva dos filhos universitários portugueses e uma maior inserção das populações no tecido social da zona.

Um dia, eram 10 horas da manhã, foi o

nosso grupo (éramos quatro) procurado pelo sr. Ricardo de Mortágua que nos veio convidar para uma bebida em sua casa. A profissão do Sr. Ricardo é a de pedreiro mas este compatriota já de véspera nos tinha impressionado. Foi a caso de deparar em cima da relva, frente ao estádio, com um grupo de garrafas de cerveja vazias de rótulo português. Afliro procurou um saco para as meter ao mesmo tempo que nos ia dizendo: «É uma chatice. Estes gajos (franceses) vêm a origem das garrafas e dizem logo que os portugueses são uns porcos».

A sua casa é um pequena vivenda a três quilómetros de Cergi, com rés-do-chão, cave e sótão. Estas duas divisões possuíam quartos com mobiliário antigo que o amigo

Gaspar procurava em casas de mobílias usadas que ele depois retocava com fino gosto. Tinha a casa como um brinco. Era muito lúcido e ponderado no que dizia, tinha escrito alguns artigos para os jornais portugueses e a sua devoção à causa dos portugueses em Pontoise levava-o a oferecer dez semanas de trabalho para ajeitar a sede que tinha sido recentemente alugada à Somag. Sobretudo porque a sede viabilizava o curso dos estudos para os portugueses. Como justo galardão fora-lhe dado o título de sócio honorário.

Mas não existe só em Pontoise o Sr. Orlando e o Sr. Ricardo. Existe sim uma pleiade de dirigentes de que seria grave omissão não mencionar o nome de Fernando Silva, um gentleman, sempre bem disposto, sempre gentil, sempre prestável; como seria indelicada omissão não lembrar a pronta disponibilidade do Sr. Teixeira, funcionário camarário e de outros que começam a refugiar-se nos recônditos da memória tais como os srs.: Carlos, Lopes, Cristiano, Pereira e tantos ainda para quem nós ficamos eternamente gratos: por uma calorosa recepção, pelo calor humano que emprestavam a todas as suas acções, pela assistência permanente com que nos rodearam. Suas dedicadas Esposas foram também insuperáveis.

A equipa de dirigentes fangueiros que se deslocou a França, Bernardino Vale, João Pedras, Luís Cardoso e ainda o treinador José Manuel Carneiro merecem as nossas felicitações e estamos seguros que uma segunda vez que lá nos desloquemos, não haverá falhas. Mas primeiro vai ser necessário receber a equipa de portugueses de Pontoise à altura de Pontoise. Para isso ter-se-á de empenhar toda a freguesia de Fão.

Como jogou o Fão em França

PONTOISE, 3 – FÃO, 2

Jogo no sábado, dia 18 de Abril.

O Fão alinhou — José Augusto: Munchacho, Eiras e Carvalho (Artur); Pedras, Zé Alexandre (Victor) Capitão e João; Zé Luís, Monteiro e Guimarães.

O primeiro golo pertenceu a Fão (Monteiro); passou-se ao empate e Fão por intermédio de Monteiro colocou-se novamente na situação de vencedor. Verificou-se de novo o empate e finalmente o Pontoise marcou o 3.º golo num lance algo confuso de que saiu bastante maltratado o guarda-redes José Augusto que teve que abandonar o campo. A legalidade deste terceiro golo deixou-nos certas dúvidas (quem somos nós?) mas o árbitro estava lá e validou-o.

Foi um jogo difícil, rijamente disputado por duas equipas portuguesas com alternâncias de predomínio muito bem expressas através dos golos marcados, em que a vitória pendeu para a equipa mais feliz em detrimento do melhor nível técnico revelado pelos nossos jogadores. De qualquer modo o desfecho aceita-se, dado o grande esforço revelado pela turma de Pontoise.

Cremos que contra o Fão militaram dois factores de peso: a responsabilidade do desafio e o estado do terreno que era

relvado e a que os nossos rapazes não estavam habituados.

★

Jogos de domingo para a disputa dos 3.º e 4.º classificados:

OLIMPIQUE, 0 – FÃO, 3

Esta equipa do Olympique era a inicialmente equipa favorita, pois em França disputa um campeonato comparável à nossa 3.ª Divisão. Possui por isso características semi-profissionais e os seus jogadores eram todos bons executantes. Trata-se de uma equipa multiracial, pois no grupo que se apresentou em campo estavam um português, quatro argelinos, um jugoslavo, um italiano e quatro franceses.

Encontrou pela frente a equipa do C. F. de Fão que fez deste jogo o seu ponto de honra e por isso desenvolveu em campo uma exibição técnico-táctica mais de acordo com as suas possibilidades, deixando em todos os portugueses que ali se encontravam uma certa saudade do futebol nacional. O resultado de 3-0 espelha fielmente a superioridade do nosso time que não deu qualquer hipótese à excelente equipa do Olympique de Pontoise.

Os golos foram marcados por Victor (1) e Zé Luís (2).

O árbitro realizou um trabalho de nível superior, revelando uma capacidade de decisão e uma firmeza exemplares.

Dois jogos bem disputados. Num cômputo geral o C. F. de Fão deixou bem representado o futebol português.

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade.

Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da aplicação de palavras e locuções estrangeiras.



O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é a mais desactualizada de todos os do seu género: o texto correcto e a mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 265-269 PORTO (Lugar)
Livraria Arnado, LDA. Rua de São Mateus, 8-11, Apart. 301/302 4100 MATOSINHOS
IMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua do 2.º de Dezembro, 11-4 1002 LISBOA

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
 Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
 4750 MATOSINHOS

O Mundo em que vivemos

DOIS LUGARES VAZIOS

Quando este jornal vos chegar às mãos, o «Novo Fanguero» está de parabéns: completa o seu 3.º ano de existência.

São três anos de trabalho, de lutas, de canseiras e de dificuldades vencidas, para dar à Vila de Fão o jornal a que tem direito.

Ele é o fruto da dedicação e do empenhamento de um punhado de fangueros e de amigos de Fão que responderam à chamada do nosso Director, que se juntaram para um objectivo comum: a fundação de um jornal nesta magnífica terra minhota a que todos queremos bem, quer os que são fangueros por nascimento, quer os que o são apenas pelo coração.

E assim o jornal nasceu, ganhou corpo, amadureceu, e todos os meses

RECTIFICAÇÃO

Nenhuma publicação, da mais importante à mais modesta, está livre desta praga, que são as «gralhas», isto é, os erros tipográficos. Ora o «Novo Fanguero» não é excepção.

No entanto, se há «gralhas» que não alteram o sentido da frase em que aparecem, há outras que deturpam ou truncam o teor do texto.

Foi o que aconteceu no último número do «Novo Fanguero» e também no de Fevereiro deste ano, na secção «O MUNDO EM QUE VIVEMOS».

No artigo de Fevereiro, sob o título «CONTRASTES», na 4.ª linha da 2.ª coluna, onde se lê: — «uma mãe que não pode ser mãe», deveria ler-se: — «uma mulher que não pode ser mãe».

Quanto ao artigo «A MORTE ESTAVA LÁ», o 5.º parágrafo da 1.ª coluna diz assim: — «E foi ainda a Morte que, depois, ofereceu boleia aos cinco jovens, para o qual não regressariam nunca mais».

É evidente que a frase foi cortada, apresentando-se incompleta no seu sentido e incorrecta na sua forma.

O parágrafo, tal como foi escrito e deveria constar no artigo, seria o seguinte: — «E foi ainda a Morte que, depois, ofereceu boleia aos cinco jovens, para os levar à Estação da Guia. E partiram, confiantes e alegres, para uma viagem da qual não regressariam nunca mais».

E ficam assim repostas as coisas nos seus devidos lugares. Pedimos desculpa das «gralhas», das quais, no entanto, não nos cabe a mínima responsabilidade.

E. Real

visita as vossas casas, estabelecendo, em muitos casos, um elo de ligação entre os ausentes e o seu cantinho natal, na Pátria distante. É o mensageiro do carinho e do interesse que Fão, os nossos leitores e anunciantes merecem a todos nós.

Por isso o «Novo Fanguero» está em festa, uma festa que gostaríamos de compartilhar com todos os que o lêem, os que nele anunciam, enfim, a grande família do nosso jornal.

Mas a festa terá uma nuvem a ensombrá-la: na mesa do jantar de aniversário, haverá dois lugares vazios: o do Engenheiro Losa de Faria, que, há um ano atrás, esteve entre nós, querendo dar testemunho da sua confiança no «Novo Fanguero», avalizando-o com a sua presença. O outro, é o de Sérgio Mendanha, colaborador desde a primeira hora, cujo entusiasmo jamais esmoreceu, e que, poucas horas antes de falecer, ainda tinha nos lábios o nome do «seu» querido jornal.

Os seus lugares ficarão vazios, numa evocação de magoada saudade.

Mas o desgosto não implica desânimo. Não desistiremos. Não nos demitiremos do fim a que nos propusemos.

Fortalecidos pela dor, mais firmes e mais determinados, todos nós diremos «Presente!» nesta hora simultaneamente alegre e triste.

Para merecermos a confiança que esses Homens em nós depositaram. Para sermos dignos deles.

E. Real

Canoagem ao rubro

Depois das provas realizadas em 5 de Abril em Meires, a secção de canoagem do Club Fãozense acabou por triunfar nas provas K 1 — infantis através dos seus atletas Belmiro Penetra e João Anunciação que obtiveram o 1.º e o 2.º lugares, ficando naturalmente campeão e vice-campeão da modalidade.

É uma honra para Fão que tem nos desportos aquáticos uma propensão tradição. Só que os jogos põem e as secretarias dispõem. Com efeito, estes nossos atletas correm o risco de não verem homologadas as suas classificações pois a sua inscrição na modalidade não foi este ano revalidada. A Federação deixou-os concorrer, nunca lhes chamou a atenção para nada, mas quando foi para revalidar o título foi invocar os Estatutos.

Verdadeiras machadadas nos ânimos destes rapazes, esperemos que este precalço não tolda as suas ambições, pois dizem os técnicos que eles têm estofos para se tornarem campeões internacionais. De qualquer modo daqui lhes enviamos um abraço de parabéns extensivo ao seu treinador, Ramiro Novo.

AUMENTE O SEU

Colesterol!

Esperamos que tenham tido uma boa Páscoa, e que as lambarices próprias da época tenham feito subir o vosso colesterol...

Para colaborar em tão meritória acção, aqui ficam umas receitas, que desejamos lhes agradem:

MACARRÃO A ITALIANA

Macarrão — q. b.
 Molho de carne estufada — q. b.
 Manteiga — q. b.
 Queijo Parmesão — q. b.
 Mangerona — q. b.

Deita-se numa panela uma grande quantidade de água temperada com sal, e, quando ferver, deita-se o macarrão.

Deixa-se ferver um bocadinho e a seguir escorre-se a água num passador, ficando só o macarrão, que se refresca com água fria.

Numa caçarola mais pequena, deita-se então a macarrão, tempera-se com o molho da carne, a manteiga, o queijo e a mangerona picada (todos estes ingredientes com que se tempera o macarrão devem ter sido misturados previamente).

Leva-se o macarrão assim temperado ao lume, e mexe-se com 2 garfos, para o conservar inteiro.

E quanto a coisas doces, aqui vão os

BOLOS DE MILHO

Ovos — 2
 Farinha de Milho — 100 gramas.
 Açúcar — 100 gramas.
 Manteiga — 60 gramas.

Faz-se uma mistura da farinha com o açúcar, os ovos e a manteiga derretida.

Bate-se tudo, misturando muito bem, e deita-se a massa em pequeninas formas, untadas com manteiga, que vão cozer, ao forno.

E por hoje, é tudo. Não se esqueçam de festejar o 3.º aniversário do «Novo Fanguero», valeu?

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS



o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

Atentados contra o Pinhal de Ofir

O deputado de Esposende J. L. Correia de Azevedo mais uma vez se manifestou na Assembleia Nacional contra o arboricídio de Ofir

O «Jornal de Notícias», do último dia 14, publicava na secção «Autarquias», um artigo com título «OFIR ESTÁ A SAQUE E TODOS LAVAM AS MÃOS COMO PILATOS» (em anexo).

Tal assunto foi, noutras ocasiões, objecto de requerimentos meus à Câmara Municipal de Esposende que, ostensivamente, negou os factos ou se recusou a fornecer os necessários elementos de apreciação.

Assim, nos termos constitucionais e regimentais aplicáveis, face ao teor do artigo referido e às respostas recebidas daquela Câmara Municipal, requeiro através do Ministério da Administração Interna, o seguinte:

1. Que aquela Câmara Municipal informe da impotência, para fazer face ao problema como teria sido declarado na última Assembleia Municipal;

2. Que me sejam fornecidas cópias dos planos gerais e do pormenor que, desde 1976, foram previstos e adoptados para toda aquela zona, isto é, para toda a mancha de pinhal que se situa entre o cabedelo da Joz, o rio Cávado e a Freguesia de Apúlia.

3. Que me sejam enviados os estudos, alegadamente elaborados, para a defesa daquela manta florestal.

4. Que seja remetida uma informação sobre os pedidos de licenciamento que, desde

1976, foram solicitados para aquele pinhal e zonas adjacentes de nascente e poente, bem como a relação precisa dos que foram licenciados acompanhada das respectivas memórias descritivas.

E inclusivé escreveu-nos a carta que se segue:

J. Luis Correia de Azevedo

O discurso que o Conselheiro Acácio não fez no jantar da Gouvarinho

Prezados Ministros e Amigos:

Por o meu preclaro amigo Conselheiro Amaral mo haver solicitado há momentos, enquanto deglutia o saboroso pudim que a mui amiga Dona Josefina Gouvarinho houve por bem servir-nos, passo a expôr a V.as Ex.as as linhas fundamentais da Reforma do Sistema Educativo que o Ministério da Instrução do Reino, por que sou responsável, vem implementando.

Tenho sido informado que alguns gestores olham com apreensão o alargamento da escolaridade obrigatória de 6 para 9 anos, temendo que então o custo do investimento laboral venha a exceder os actuais 10 mil reis mensais do salário — além da abertura da porta dos fundos, para o caso de vir a inspecção de trabalho. Tais receios são infundados. Como V.as Ex.as não deconvir, se à escolaridade de 6 anos correspondia a idade limite de 14, à nova escolaridade de 9 anos deveria corresponder a idade de 17. Ora, como esta se situa nos 15 anos, é evidente que só uma minoria chegará aos últimos níveis da escolaridade prevista.

Devo dizer, aliás, que o alargamento para 9 anos da escolaridade obrigatória obedeceu a imposições internacionais, vindas de reinos que ainda julgam que a instrução faz o povo feliz; importava, pois, encontrar uma fórmula que introduzisse do nosso empenho no alargamento da escolaridade, sem correr os riscos sociais da sua efectiva generalização.

Se voltarmos o olhar para o nosso passado histórico, veremos sem esforço que os momentos altos corresponderam a baixos níveis de instrução geral.

(Continua no próximo número)

Agradecimento do P.e Manuel F. Borda

Foram muitos os amigos fangueiros e de outras localidades que se associaram aos actos comemorativos das suas «Bodas de ouro Sacerdotais» e homenagem que lhe foi prestada no almoço convívio no prestérito dia 5.

Na impossibilidade de agradecer a cada um em particular como era seu dever, vem por este meio, patentear a todos o seu profundo reconhecimento e gratidão por tantas e tão inequívocas como cativantes provas de amizade.

A todos reitero o meu sincero «Muito obrigado» e um caloroso «Bem hajam!...»
Fão, 30 de Abril de 1987

P.º Manuel de Faria Borda

Férias jovens em Portugal

É o novo projecto de ocupação de tempos livres que sucede e prossegue o projecto-piloto de 1986, denominado «Escola Aberta» destinado a jovens de ambos os sexos, portugueses ou de ascendência portuguesa, residentes no estrangeiro ou em Portugal, que tenham no início do projecto idades entre os 15 e os 17 anos inclusivé.

Os candidatos terão de preencher um boletim de inscrição, podendo entregá-lo até 15/5/87 no Consulado da área de residência (para os que residem no estrangeiro) e até 30/5/87 nas Delegações do Faoj e do IAEC/SECP (para os que residem em Portugal).



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

Quixotes e Sanchos da nossa praça

«A ponta de areia a norte do primeiro esporão da praia de Fão está liquidada dentro de poucos anos».

...«Os esporões agumentam a areia do lado norte, mas o mar cava o lado sul».

Quem o afirmou foi Artur Alves Miquelino, patrão do salva-vidas. Um homem com uma vida dedicada ao mar e ao salvamento de afogados no nosso rio, barra e costa marítima.

Vinte e quatro horas por dia vigilante, juntamente com mais três afectivos. Rádio sempre ligado e em contacto com os barcos no alto mar.

A mão deste patrão de salva-vidas segura um livro datado de 1896. Relata cerca de sessenta acidentes ocorridos na barra e mar de Esposende; louvores a patrões de barcos, chefe da estação dos correios e a pescadores pelo auxílio prestado. Como exemplo ditamos um «José André Eiras, casado, desta vila, tripulante da lancha São Torcato, pelo auxílio prestado no naufrágio ocorrido na barra desta vila na manhã de 26 de Abril de 1896, às lanchas «Vamos com Deus» e «Senhor da Caridade» em que pereceram os pescadores Paulo de Barros e Raimundo de Sousa. Salvando-se os restantes».

Es. Sec.— Senhor Miquelino, o edifício onde se encontra instalado o seu «quartel» foi sempre neste local?

Art. Miq.— Não. Houve um outro. localizado na volta das Lanchas, na praia de Fão, a norte do Clube Náutico. Há poucos anos, quando o mar destruiu e comeu parte daquela faixa de areia, apareceram as ruínas dessa construção.

Es. Sec.— Porquê, naquele local? A embocadura do mar com o rio era mais próxima?

Art. Miq.— Não. A saída para o mar era mais fácil naquele ponto. Não se esqueça que naquela época e no Inverno, a melhor pescada era a de Esposende. As lanchas levavam vinte e cinco homens e entravam e saíam naquela zona.

Es. Sec.— Há quantos anos vive os problemas dos pescadores?

Art. Miq.— Patrão há dezoito anos, Tripulante quatro anos, mas pescador desde que me conheço. Quando tocava a sineta era ver aquele que chegava aqui mais depressa. Os acidentes eram mais frequentes porque os barcos eram pequenos e a remos — a catraia com oito ou nove homens e as lanchas com vinte e cinco.

Es. Sec.— Houve evolução nos processos de salvamento e nos meios de apoio?

Art. Miq.— Sem dúvida. Desde o «Foz do Cávado», «Passos de Briou» até aos nossos dias há uma constante evolução. Neste momento, o barco existente vai ser substituído por um barco maior e mais potente, um barco blindado que rompe com qualquer mar. As obras de adaptação da rampa de lançamento já se fizeram e o barco, dentro de dias, cá estará. Sabe, nós temos todo o apoio do Instituto de Socorros a Náufragos. É só pedir.

Es. Sec.— E um barco tão potente, como pode alcançar a barra, se o rio tem corcas de amea e é pouco profundo? Como vai resolver a situação?

Art. Miquelino.— O barco estará sempre de prevenção, junto à barra. Eu, como patrão, levo o barco para junto da foz e sempre que o mar esteja «vivo», fico lá, permanentemente.

Es. Sec.— Algum acidente, naufrágio ou tragédia, lembra-se?

Art. Miq.— O mais recente foi há cerca de três anos. Morreram dois pescadores desta vila. Imprevidência. Talvez. Não entrou por onde devia. Encontrou uma coroa de areia, as redes encostaram e o barco voltou-se. Olhe, eu nasci no dia em que

se afundou o «Lagoa». Grande naufrágio!

Es. Sec.— O que diz da nossa barra, que tanta tinta tem feito correr?

Art. Miq.— É a barra que menos acidentes tem tido embora seja a mais fraca da costa portuguesa. É uma barra que nunca está no mesmo sítio e por isso os pescadores tomam as devidas precauções... e vão para Viana dizemos nós.

Es. Sec. O que leva os nossos pescadores a irem para Viana? O preço do peixe? Ou a pouca profundidade da entrada, na barra?

Art. Miq.— As duas coisas. Aqui só podem sair com a maré alta. Em Viana, saem em qualquer altura, pois têm sempre água.

Es. Sec.— O cais-esporão paralelo a Avenida Marginal foi útil ao encanamento do rio?

Art. Miq. Foi útil. Pois torna o rio mais fundo e navegável. Só foi pena não continuar na barra o prolongamento do esporão até encontrar pedra. Só mais cerca de cento e cinquenta metros e tínhamos uma barra navegável para qualquer motora e a qualquer hora.

Es. Sec.— Só mais cento e cinquenta metros? Então por que não se faz? Perguntamos a quem de direito.

Art. Miq.— A praia de Esposende beneficiou com o esporão embora do lado sul a língua de areia tendesse a desaparecer antes da construção dos esporões, em Fão. A ponta de areia a norte do primeiro esporão, em Fão, está liquidada dentro de alguns invernos. Os esporões agumentam a areia mas provocam uma enseada a sul. Praia da Bonança, Pinhal de Fão e Avenida Marginal continuam em perigo, embora protegidos pelos esporões. Já se nota uma grande enseada a norte e na praia da Bonança e eu já afirmei que o mar continua a «comer» estas praias.

Era preferível ter prolongado o esporão da barra mais umas centenas de metros ou encurtar as distâncias entre estes, na praia de Fão, para uma eficaz protecção.

Es. Sec.— Fechamos a entrevista com a citação do último louvor existente no livro de registos que o Senhor Miquelino teve a amabilidade de nos mostrar: Número cinquenta e nove. Dezassete de Março de 1897 — data de abertura do termo. Louvor ao Rev.º Padre de Apúlia, Bernardino dos Santos Portela, pelos bons serviços prestados ao Real Instituto de Socorros a Náufragos, durante dez anos. Medalha de cobre em 1907». Última citação.

Colaboraram nesta entrevista Professor e alunos do 11.º ano da Esc. Sec. de Esposende.

POEMA

Andei pelos jardins, encostas e campinas,
Fui ver o mar azul,
Subi altas montanhas e colinas,
Contemplei rios, matagais, desertos,
Corri a região de norte a sul,
Admirei os céus límpidos, abertos,
Vi as nuvens, a sol, as andorinhas,
A neve refulgente,
As verdes vinhas,
A noiva madrugada, o multicolor poente,
As coisas belas, boas
Que tem a Natureza,
Pra fazer um poema com beleza.
Depois, verifiquei
Que o poema mais belo o encontrei
Nos olhos luminosos das pessoas.

DINIS DE VILARELHO

Gondomar, 23-02-1987.

OS NADAS

Não há nadas...

*Há coisas muito pequenas,
Às quais não damos reparo...
Por serem simples, apenas!*

*Um pequeno grão de trigo
Lançado à terra lavrada,
Dô homem é grande amigo,
Nessa seara dourada!...*

*Dum fio de água somente...
Simples, despretencioso...
A muitos indiferente,
Faz-se um rio caudaloso!...*

*Assim, um gesto ou palavra,
Na melhor das intenções,
São a charrua que lavra
Os humanos corações.*

*Mais um sorriso, uma ajuda,
Pequeninas atenções,
E logo tudo se muda...
Arrebatam multidões!...*

*E aquilo que era nada,
No tudo se transformou!...
Desse nada, com amor,
Deus este Mundo criou.*

Florinda de Almeida

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Zinha
Dinis de Vilarelho
Florinda Almeida
José Neves

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Medureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500000

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante.

Da minha varanda

por ZINHA

E o cortejo saiu à rua!

O dia vestiu-se de Primavera e quis folgar também.

Já no início do ano lectivo, tinham as professoras da nossa Escola, programado a festa de carnaval. E o tempo foi passando.

Então sugeriram às crianças fantasias engraçadas, apelando para a criatividade e o sentido de economia, a fim de evitar gastos desnecessários.

Eis que a semana se aproxima! Era uma azáfama a pintar cartazes, a fazer flores de papel das mais variadas cores e feitios, festões, muitos festões, tudo isto para enfeitar os tractores. Mas... metia tractores? É verdade! Um levava as crianças mais pequenas, de chupeta e fralda a simbolizar a entrada para a escola; o outro, já a saída, em que uns envergavam capa e cartola (os doutorados) e os outros, de grandes orelhas, tocando viola e guitarra, os mesmos instrumentos que tocaram todo o ano e que os impediu de terem êxito no final.

Tudo pronto para sexta-feira, dia 27, último dia de aulas, antes das férias (?) de Carnaval. S. Pedro, no entanto, zangou-se e mandou uma chuva de impiedosa durante todo o dia! Criança, pais e professoras, desolados depois de tanto trabalho!

Arriscou-se o domingo, havia previsões para melhoria de tempo e as professoras abdicaram de um dia que era seu, para proporcionar às crianças uma festa e a exibição dos seus fatos.

E o domingo apareceu lindo, solhoso, sorridente, convidativo, todo ele vestido de Primavera!

Pelas duas e meia da tarde, já não faltavam no recreio da nossa Escola «Mulheres-aranha», «Super homens», Fadas Madrinhas, Cowbois, Cozinheiros, Enfermeiras, Pierrots, Mulheres Maravilha, Pescadores, Noivas do Minho, etc., etc. Todos se miravam e remiravam e os pais todos se derretiam perante a bonita figura dos seus filhos. Muita gente a aparecer de todos os lados, esperam-se os foliões dos bombos e da caixa para animar a esta (as professoras pensaram em tudo), crianças com cartazes, onde se podia ler: «Tudo brinca o Carnaval», «A pedagogia de mãos dadas com o Carnaval», etc., etc.

E não faltaram professoras também fantasiadas, perante os olhares admirados dos alunos e não só... Umas, eram cavalheiros respeitáveis, outras damas antigas e no meio, duas crianças endiabradas «o Nelo» e «a Tesinha», ele de roda e gancho, ela de cordas e boneca.

E o cortejo desfilava, cheio de alegria e colorido e tudo ria e batia palmas. O calao afligia, a sede apertava. Até parecia o «Carnavao do Brasão», mas aqui, sem «mulé pélada»...

Realmente foi um belo espectáculo, assim dizia toda a gente. Fotos e mais fotos e até foi filmado o cortejo, durante todo o percurso (parabéns e obrigada ao homem da câmara — Zé Artur — autêntico profissional).

Com muita alegria, com muita animação e já algum cansaço, regressaram todos à Escola, depois de terem passado e animado as principais ruas da nossa terra, cheias de gente, de cá e de fora, que aplaudia entusiasmada.

Estão de parabéns os Pais que se empenharam na cuidada apresentação dos seus filhos o que contribuiu em grande parte, para o êxito desta festa.

A nossa gente, é assim! Quando sai, sai mesmo!...

Falecimento do Prof. Doutor Vasco Teixeira



Fomos surpreendidos na semana da Páscoa com a morte do Professor Doutor Vasco Teixeira, proprietário da Porto Editora. O seu falecimento inesperado deixou na mais profunda dor a família que muito estimava e provocou viva emoção nos inúmeros amigos que possuía, espalhados por todo o país.

Lamentámos profundamente a morte do doutor Vasco por quem nutríamos viva simpatia e admiração. Vasco Teixeira foi professor universitário credenciado e era ao mesmo tempo um empresário livreiro

enérgico, muito activo, que transformou uma modesta impressora-livraria na Rua da Fábrica numa das maiores, se não a maior editora de livros escolares do país. Aliada a uma visão especial para os negócios, o Professor Vasco Teixeira possuía uma vertente mecenática e humanística que deveras o singularizava entre os seus pares. Quando lhe aparecia qualquer autor com um manuscrito para ser publicado, o Professor Vasco dava-lhe uma vista de olhos e, se intuía no livro um conteúdo benéfico para os leitores ou adivinhava no neo-publicista qualidades ocultas mas não plenamente desbravadas, ele publicava-o, independentemente das benesses materiais que pudesse ou não colher com a obra. Assim se revelaram muitas vocações literárias.

Era um homem que se preocupava vivamente com o seu próximo e que não sabia dizer não a qualquer pedido que lhe fosse feito. Algumas famílias de Fão, afli-

tas com o custo dos livros, bateram muitas vezes à porta da Porto Editora que procurava sempre resolver os casos mais necessitados. Conhecemos muitos exemplos de Fão, naturalidade de sua Esposa, de Granja Nova, onde nasceu, do Porto e de outras terras.

Também as associações fangueiras, nomeadamente os Bombeiros, Bom Jesus, Matriz, S.ª da Bonança, Misericórdia escreviam periodicamente a Vasco Teixeira que não deixava nunca uma carta sem resposta. Na cidade do Porto onde morava, presidiu à Comissão de Obras da Igreja do Carvalhido que almejou erguer um dos templos modernos mais perfeitos e cómodos da cidade invicta.

Que tenha o merecido repouso.

Aos seus familiares e de um modo especial a sua Esposa, Dr.ª Rosália Fernandes Teixeira (a Zalina dos nossos tempos de juventude) a expressão muito sentida do nosso pesar.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO